

# Cidadão

Emicida

Os moleque frio no asfalto quente, igual eu  
Tossindo e comentando sobre os amigos da gente que morreu  
Foi, virou passado, por não tá mais presente  
Igual os valor esquecido por não ter cífrão na frente  
Mó friaca, tio, deixa eu botar meu moletom  
Vendo os gambé zoando os que é menino bom  
Ponho o boné e sigo na fé, nego nem óia (nem)  
Atravesso a rua pois se passa perto móia (vish)  
Trago no olhar a luz do poste fria, sem esperança  
Me guia, e teus holofote é que cria minha temperança  
Minhas lembrança é trote, eu via que a nossa herança  
É um cobertor na calçada que ia envolvendo as criança  
É embaçado, eu vou levar como carma  
Meus vizinhos saber menos nome de livro que de arma  
E a máquina que faz Bin Laden trabalha a todo vapor  
Solta na Babilônia, ensina a chamar rato de senhor  
Nós tá na fila do emprego, mantimento, visita  
Vive pra ser feliz e morre triste, ó que fita  
As pessoas se esbarra, se olha e se cala  
Não pede ou cobra desculpa, porque ninguém mais se fala mesmo  
Joga lixo no chão como se fosse um lugar ermo  
Aí dá enchente, os mesmos reclamam do governo  
Que não governa nada, tá nem pro mal nem pro bem  
Ia governar como, se aqui ninguém ouve ninguém?  
Minha cidade trampa 24 horas por dia  
Os que não morrer de tédio, morre de asfixia  
A CIA monitora isso que cé faz agora  
Mas não interfere, só fere o pai da criança que chora  
Nosso sofrimento dá prêmio pra quem se esconde em bairro nobre  
Tô cheio disso, igual as cadeias é cheias de pobre (porra!)  
Cidadania onde? Nóiz cuspiu na lei de Gandhi  
É quente memo, cidadão é uma cidade grande